



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

EVELIN GLEICE FIUZA SACRAMENTO

**PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO NOS PERÍODOS INICIAIS DO
PÓS- PANDEMIA COVID-19, EM AMARGOSA-BA**

AMARGOSA-BA
2024

EVELIN GLEICE FIUZA SACRAMENTO

**PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO NOS PERÍODOS INICIAIS DO
PÓS- PANDEMIA COVID-19, EM AMARGOSA-BA**

Trabalho de conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora. Prof.^a Dr^a Gilselia Macedo
Cardoso Freitas

AMARGOSA-BA

2024

EVELIN GLEICE FIUZA SACRAMENTO

**PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO NOS PERÍODOS INICIAIS DO PÓS-
PANDEMIA COVID-19, EM AMARGOSA-BA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 19/08/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Gilselia Macedo Cardoso Freitas – Orientadora

Doutora em Educação pela Universidade del Mar - Del Mar
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Prof.^a Dr.^a Andreia Barbosa Dos Santos

Mestra em Educação pela Universidade Federal de Pelotas -
Doutora em Educação pela Universidade Federal Da Paraíba -
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Prof.^a Dra. Maria Eurácia Barreto de Andrade

Doutora em Educação pela Universidade Americana - UA
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

“Dedico esse trabalho à minha filha Liz Vitória, que, mesmo tão pequena e ingênua, me salvou de dias terríveis de conflitos internos... Onde me acompanhou na universidade desde os 3 meses até o final do curso. Razão de todo meu sucesso”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado vida e saúde!

Agradeço a minha mãe Sueli por todo incentivo e cuidado mesmo de longe, por ser minha fonte de inspiração e uma das razões para eu prosseguir e querer vencer na vida.

A minha filha que foi meu maior incentivo e motivação para não desistir, ela era a minha luz quando tudo parecia difícil.

Às minhas amigas Risia, Virginia, Iasmin e Laleska por todo apoio e incentivo, por estarem ao meu lado e me ajudado em todo processo na universidade principalmente com Liz. Além de outros colegas como Jack e Marise que de certa forma foi minha rede de apoio em algum momento ficando com Liz um pouco na sala para que eu pudesse estudar.

Gratidão a minha família por todo apoio e cuidado e por não ter me deixado desistir.

Gratidão ao Tecelendo por ter me feito olhar o mundo com outros olhos e ver a educação de um novo jeito que vai além da sala de aula e dos muros da escola.

Agradeço a mim por não ter desistido no primeiro desafio, e por ter suportado todo o processo mesmo com dor, com crises de ansiedade e com toda dificuldade de conciliar maternidade e universidade sem rede de apoio, eu venci!

Agradeço também à minha orientadora por tudo!

Alfabetizar é acender uma luz que jamais será apagada.
É iluminar um futuro próximo e também distante.
É deixar uma marca útil que se eternizará.
Alfabetizar é mais uma forma de amar.

Augusto Schmidt

Fiuza, Evelin G. S. **PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO NOS PERÍODOS INICIAIS DO PÓS- PANDEMIA COVID-19, EM AMARGOSA-BA** Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB- Amargosa, 2024.

RESUMO

Este trabalho monográfico intitulado, *Processos de Alfabetização nos Períodos Iniciais Pós-Pandemia COVID-19 em Amargosa-BA*, tem como objetivo analisar os desafios e possibilidades do processo de alfabetização de crianças nos períodos iniciais do pós pandemia COVID-19 no município de Amargosa- BA e, persegue a seguinte indagação: de que maneira os professores alfabetizadores enfrentaram/enfrentam os desafios do processo de ensino-aprendizagem da alfabetização das crianças?.. O presente trabalho tem como relevância a urgência da produção de conhecimentos que respaldam os períodos emergenciais, a exemplo da pandemia *COVID-19* . O Trabalho é de cunho qualitativo, a fim de analisar e interpretar os indivíduos/fenômenos de forma mais aprofundada de acordo com o tema pós-pandemia COVID-19 onde foi realizado para coleta de dados uma entrevista semiestruturada além da observação. Do ponto de vista epistemológico, as bases teóricas que fundamentam esse estudo se concentram em Stephanie Kim (2022), Emilia Ferreiro (2011), Magda Soares (2003 e 2020). Após a pesquisa foi possível perceber que a pandemia ainda tem efeito sobre a vida dos alunos e docentes, onde a maioria desses alunos ainda não estão alfabetizados, assim muitos professores tem se reinventado para que ocorra uma alfabetização efetiva para essas crianças.

Palavras-chave: Alfabetização. Pandemia. Pós-pandemia COVID-19.

Lista de Figuras

Figura 1	Desenhos nas cavernas	p. 14
Figura 2	A escrita cuneiforme foi usada pela primeira vez há mais de 5 mil anos. Era utilizada por antigas sociedades na Mesopotâmia como os sumérios e os acadianos.	p. 15
Figura 3	A escrita egípcia: hieróglifos.	p. 15
Figura 4	A escrita egípcia: hieróglifos II	p. 16
Figura 5	Alfabeto grego e seus símbolos	p. 16
Figura 6	Praça Lourival Monte	p. 35

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

MEC- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

COVID-19 - O nome covid é a junção de letras que se referem a (co)rona (vi)rus (d)isease, o que na tradução para o português seria "doença do coronavírus". Já o número 19 está ligado a 2019, quando os primeiros casos foram publicamente divulgados.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	10
2 - A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA LEITURA E ESCRITA:	13
2.1- A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO DIREITO À ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL	18
2.2- PESSOAS NÃO ALFABETIZADAS NO BRASIL	20
3- A ALFABETIZAÇÃO E A PANDEMIA	24
3.1- PANDEMIA	24
3.2 - O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA	25
4- METODOLOGIA	32
5- DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO PÓS-PANDEMIA COVID-19 EM AMARGOSA-BA	35
5.1- AMARGOSA: CIDADE JARDIM.	36
5.2- MARCAS DA PANDEMIA: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES	38
5.3- DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO PÓS PANDEMIA COVID-19	40
6- CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS:	55

1 - INTRODUÇÃO

A presente monografia discute o processo de alfabetização no pós-pandemia do vírus SARS-CoV-2, da família dos coronavírus que, ao infectar humanos, causa uma doença chamada COVID-19 (Instituto BUTANTAN), sobretudo, esse estudo dialoga com o recorte temporal dos períodos iniciais do retorno das crianças para escola. É importante se pensar nos desafios e possibilidades dos docentes das classes de alfabetização diante dos problemas de aprendizagem ocasionados pelo ensino remoto. Para enfrentar esses problemas de déficit de alfabetização das crianças do ensino fundamental anos iniciais, o encontro com a sala de aula foi essencial, pois alfabetizados e alfabetizadores finalmente voltam a ter o contato direto.

O estudo em tela intitulado, “Processos de alfabetização nos períodos iniciais do pós pandemia COVID-19 em Amargosa-BA”, tem por objetivo analisar os desafios e possibilidades do processo de alfabetização de crianças nos períodos iniciais do pós pandemia COVID-19, no município de Amargosa- BA e, persegue a seguinte indagação de que maneira os professores alfabetizadores enfrentaram/enfrentam os desafios do processo de ensino-aprendizagem da alfabetização das crianças?.

A pesquisa se organiza a partir dos seguintes objetivos específicos: a) Compreender de que maneira as crianças foram alfabetizadas no período da pandemia. b) Identificar quais foram/são os desafios da alfabetização no pós-pandemia. c) Explorar as possibilidades para efetivação da alfabetização no período pós - pandemia COVID -19.

Do ponto de vista epistemológico, as bases teóricas que fundamentam esse estudo se concentram em Stephanie Kim (2022), Magda Soares (2003 e 2020), Emilia Ferreiro (2011).

Os estudos de Stephanie Kim (2022) trata sobre “Desafios e boas práticas da alfabetização no pós-pandemia” e traz depoimentos de educadores dando voz a uma situação que é comprovada pelos dados educacionais: **o impacto da pandemia para os estudantes em alfabetização**. A autora aborda o processo de alfabetização de crianças durante o ensino remoto, que ocorreu durante a pandemia do COVID-19. As reflexões de Kim (2022) nos possibilita olhar com atenção para a alfabetização das crianças na perspectiva de romper com os altos índices de pessoas não alfabetizadas no país e recompor as aprendizagem desses estudantes

para que eles não fiquem prejudicados na sua trajetória escolar, até porque a alfabetização tardia pode acabar respingando nos demais anos escolares. Desse modo, o acolhimento às crianças em processos de alfabetização na pós-pandemia é fundamental.

O interesse em pesquisar sobre o tema justifica-se após a realização do estágio, e durante a disciplina de Gestão em Ambientes Escolares. As discussões tinham por centralidade as situações das escolas, das crianças em processo de alfabetização, bem como o ensino remoto durante a pandemia. Enfatizando quais eram os desafios do ensino remoto, quais os mecanismos foram adotados pelos professores e pela gestão durante esse período. Esse cenário educativo despertou meu interesse pelo processo de alfabetização no pós-pandemia COVID-19. Ademais houve relatos de alguns professores durante essas discussões referentes a alunos que já passaram da idade de alfabetização e estão em turmas onde já deveriam estar alfabetizados e sabendo o básico, porém a realidade era totalmente diferente, muitos apresentaram dificuldades de aprendizagem e não estão alfabetizados.

Essa monografia tem relevância social sobretudo por realizar o levantamento das ações dos alfabetizadores em relação a alfabetização de crianças no período pandêmico e, pretende socializar com os professores alfabetizadores o resultado dos dados produzidos. Não se trata de uma pesquisa inédita, pois já existem outras pesquisas relacionadas ao assunto, a exemplo de Queiroz, Sousa, Paula, (2021), mas soma-se a essa e outras pesquisas que dão materialidade histórica a um período de grandes desafios para a educação brasileira.

Assim, esse trabalho está dividido em 6 capítulos, aos quais apresento a seguir: No primeiro capítulo, está organizado com uma introdução que trata da justificativa da escolha do tema, além de trazer reflexões sobre os autores que serão trabalhados. Seguindo sua organização tem o capítulo metodológico onde aborda quais métodos foram utilizados para o desenvolvimento da pesquisa. Logo a seguir tem o Referencial Teórico onde são abordadas as seguintes temáticas Com o primeiro tópico intitulado “A Construção Histórica da leitura e escrita”, seguindo dos seguintes subtipos; “A construção histórica do direito à alfabetização no Brasil” e “Pessoas não alfabetizadas no Brasil”, onde foi discutido sobre o processo de alfabetização no tempo histórico até os dias atuais e os índices de pessoas não alfabetizadas no Brasil. No segundo tópico, “A Alfabetização e a Pandemia”, foi

tratado sobre os aspectos da pandemia e o processo de alfabetização na pandemia. E no terceiro tópico, “Desafios e possibilidades do processo de alfabetização no pós-pandemia COVID-19 em Amargosa-BA”, foram discutidos os aspectos inerentes aos caminhos metodológicos e os achados de pesquisas, seguido dos seguintes subtipos; “Amargosa: Cidade Jardim”, onde é falado um pouco da cidade em que se foi pesquisado e da escola; “Marcas da pandemia: Impactos na saúde mental dos professores”; onde fala sobre os desafios dos docentes no ensino remoto e como foram afetados e por fim, “Desafios e possibilidades do processo de alfabetização pós-pandemia” onde fala sobre as dificuldades dos professores no retorno a sala de aula, após o ensino remoto e quais foram as possibilidades criadas para enfrentar esses desafios. Para apresentar os dados da pesquisa construiu-se a conclusão.

2 - A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA LEITURA E ESCRITA:

Para dialogar sobre o processo de alfabetização e pessoas não alfabetizadas historicamente, é importante se pensar sobre os primeiros sistemas de escrita na antiguidade e, em seguida, a construção histórica do direito à alfabetização no Brasil.

Quando se pensa a respeito do processo de alfabetização visto que esta surgiu na Antiguidade por meio da representação gráfica do mundo, através de um desenho e da representação gráfica de uma palavra, através da escrita. De acordo com o pensamento de Cagliari (1996);

[...] quem inventou a escrita foi a leitura: um dia, numa caverna, o homem começou a desenhar e encheu as paredes com figuras, representando, animais, pessoas, objetos e cenas do cotidiano. Certo dia recebeu a visita de alguns amigos que moravam próximo e foi interrogado a respeito dos desenhos. Queriam saber o que representavam aquelas figuras e por que ele as tinha pintado nas paredes. Naquele momento, o artista começou a explicar os nomes das figuras e a relatar os fatos que os desenhos representavam. Depois, à noite, ficou pensando no que tinha acontecido e acabou descobrindo que podia "ler" os desenhos que tinha feito. Ou seja, os desenhos, além de representar objetos da vida real, podiam servir também para representar palavras que, por sua vez, se referiam a esses mesmos objetos e fatos na linguagem oral. A humanidade descobria assim que, quando uma forma gráfica representa o mundo, é apenas um desenho; mas, quando representa uma palavra, passa a ser uma forma de escrita [...]. (CAGLIARI, 1996, p.13, 14).

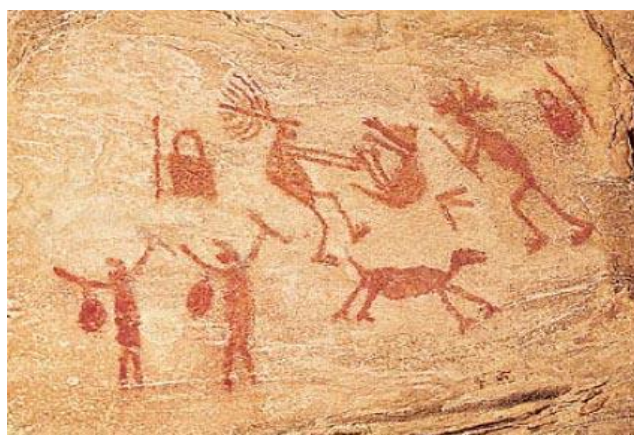
Dessa maneira é possível compreender como o homem desde os primeiros tempos de existência procurou expressar de alguma forma sua maneira de viver e entender o mundo. Visto que ainda não se conhecia outras formas de linguagens, eles começaram a fazer desenhos nas paredes, para registrar os fatos que ocorriam na época através deles.

Compreende-se que a alfabetização é um processo sociocultural pelo qual o indivíduo desenvolve a leitura e a escrita de acordo com sua língua materna. Ao longo da história esse processo foi passando por diversas transformações e sofreu alterações a cada nova invenção tecnológica. Dessa forma entende-se que essas mudanças em relação ao ato da leitura foram influenciadas com mudanças culturais e físicas dos textos, em determinado tempo da história. Segundo Caroline Reis (2019);

Os materiais utilizados para registro de textos foram se modificando ao longo dos anos, a escrita de pedra foi transferida para pergaminho e depois para Codex, do mesmo modo que a forma de escrever também se alterava, como o surgimento dos espaços entre as palavras e uso de letras maiúsculas e minúsculas, facilitando desta maneira a leitura e compreensão do texto pelo leitor.(REIS, 2019)

Na antiguidade a humanidade utilizava símbolos, gráficos e mnemônicos, que são ferramentas de memórias pictográficas ou tábuas com mensagem. Entretanto, o processo de aquisição dos símbolos ocorria de forma lenta de acordo com o desenvolvimento e mentalidade da sociedade que são operadas.

Figura 1 - Desenhos nas cavernas¹



Fonte: <https://images.app.goo.gl/weMQGwarJTe87h8F6>

O primeiro processo de escrita a ser decifrado foi no século XIX, sendo considerado o sistema de escrita mais antigo até hoje. A escrita Cuneiforme nasceu na Suméria, região Mesopotâmia. Os patrimônios da época eram registrados com um estilete em uma placa de argila. O ato de pressionar a cunha na argila mole deu o nome a esse sistema de escrita.

O segundo processo de escrita na história foi na escrita egípcia por volta de 1.800 anos atrás de "hierogl up liká", onde foi chamado pelo grego Clemente Alexandria de - escrita sagrada. E assim como a escrita Cuneiforme, ela é também uma das mais importantes do Oriente próximo, além de ser considerado um dos sistemas mais belos do mundo. De acordo com Reis, (2019), os hieróglifos eram sinais considerados sagrados onde os egípcios diziam ser a fala dos deuses, onde

¹ A escrita surgiu inicialmente através dos desenhos feitos nas cavernas com sangue de animais, folhas e terra, que contavam fatos ocorridos entre os povos como o abatimento de um bisão, a guerra entre eles, as caçadas bem sucedidas, enfim, eles tinham necessidade de divulgar o que estava acontecendo.

originalmente se constituíram cerca de 2500 sinais, sendo 500 deles utilizados com frequência. A escrita era feita em diferentes tipos de materiais como metal, pedra, madeira e outros suportes duros, além de papiro, que era o material mais comum por ser mais leve e flexível e fácil de guardar. Visto que a escrita papiro sobreviveu cerca de 3.700 anos, o método foi substituído pelos pergaminhos.

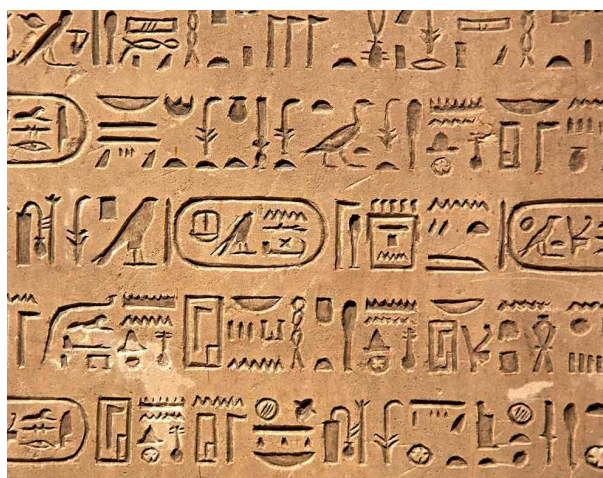
Figura 2 - A escrita cuneiforme foi usada pela primeira vez há mais de 5 mil anos. Era utilizada por antigas sociedades na Mesopotâmia como os sumérios e os acadianos



Fonte: <https://images.app.goo.gl/F9fmW8CwyvpyCoon6>

Com o fim do segundo milênio a.C. Israel, Fenícia e Aram conquistaram uma grande importância no desenvolvimento do alfabeto, eliminando assim temporariamente o domínio do estrangeiro e favoreceu a expansão da nova e revolucionária forma de escrita que, tanto quanto hoje se sabe, foi inventada na Síria ou na Palestina Queiroz, (2005.)

Figura 3 - A escrita egípcia: hieróglifos.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/GbV4oUgJXmvzGd3n9>

Figura 4 - A escrita egípcia: hieróglifos II



Fonte: <https://images.app.goo.gl/LmwULAcMgXHdtEEA7>;

Chegando na Grécia nos séculos VI e VII foi desenvolvido o alfabeto grego, onde eram representados os sons da voz humana. Segundo Fischer, (2009) a decomposição da frase em seus elementos, a palavra, foi de fundamental importância para o surgimento da escrita como ela é entendida atualmente. Da notação das palavras, o homem enfim passou à notação dos sons, chegando às escritas fonéticas. Embora os gregos tenham recebido o crédito por sua inovação, seu alfabeto fonético não era o único, eles fizeram alguns empréstimos do alfabeto fenício, que usava símbolos para representar sons. (FISCHER, 2009).

Figura 5 - Alfabeto grego e seus símbolos

Α α Alpha	Β β Beta	Γ γ Gamma	Δ δ Delta	Ε ε Epsilon	Ζ ζ Zeta
Η η Eta	Θ θ Theta	Ι ι Iota	Κ κ Kappa	Λ λ Lambda	Μ μ Mu
Ν ν Nu	Ξ ξ Xi	Ο ο Omicron	Π π Pi	Ρ ρ Rho	Σ σ,ς Sigma
Τ τ Tau	Υ υ Upsilon	Φ φ Phi	Χ χ Chi	Ψ ψ Psi	Ω ω Omega

Fonte: <https://images.app.goo.gl/3npz5HjGYAYJ6Vkb6>

É importante refletir como o alfabeto grego foi essencial na nossa história de escrita e da civilização, pois além de transmitir a mensagem de um pensamento incomparável, o alfabeto grego foi também intermediário ocidental entre o alfabeto

semfítico e o alfabeto latino, os gregos foram os primeiros a ter a ideia da notação integral e estrita das vogais. Usando consoantes e vogais juntos, onde desta maneira, conseguiam reproduzir a fala mais fielmente do que qualquer sistema inventado antes ou depois.

Depois de todo processo de construção da escrita é preciso se refletir como se deu a aquisição da leitura, segundo Reis, (2019);

A prática da leitura, desde o surgimento do alfabeto, está fortemente relacionada à emissão sonora do texto, o qual deveria passar pela boca para ser compreendido, por isso a “leitura em voz alta” se instituiu como técnica desde a sua origem. Outros fatores também contribuíam para uma leitura coletiva e em voz alta, como a dificuldade de acesso aos livros, que era um objeto raro e precioso que reuniam somente textos importantes, que naquela época eram os textos sagrados, de caráter religioso.(REIS, 2019)

Com essa perspectiva de leitura, aprender a ler era baseado no aprendizado de transformar signos escritos em signos orais, memorizar a forma oral obtida, repetir inúmeras vezes o texto para chegar no seu significado. Trata-se de transformar cada elemento da escrita em elemento oral, da esquerda para a direita e na ordem, sendo esse processo conhecido como decifração. Apesar de que para eles ter uma boa leitura era saber decifrar bem, essa ação não era entendida como parte do ato de ler, ela vai acontecer depois de um longo trabalho de descrição dos signos escritos e orais.

Saindo da percepção da construção histórica da leitura e escrita, compreendemos que o homem por sua natureza é um ser que fala, um processo natural no seu desenvolvimento, adquirida em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais. Entretanto, a escrita não ocorre desta forma, ela não é intrínseca à natureza do homem, mas foi criada por ele e hoje permanece em todas as práticas sociais e sendo uma sociedade letrada como a nossa, a criança encontra-se muito cedo com a escrita. Deste modo, o ensino da escrita nas escolas deve ocorrer dentro de um contexto significativo para os alunos, deixando de lado práticas de cópias de textos alheios a seus interesses ou de treino motor de letras e sílabas. Inicialmente se pensando no processo de leitura e escrita, a escrita que temos hoje, o alfabeto com o qual reconstruímos graficamente nosso olhar, podemos dizer das coisas e dos outros, é resultado “de longos anos de história da escrita e decorrente de sua necessidade de registrar fatos, ideias e pensamentos”, Rizzo, (2005, p.13).

Levando em consideração todos os processos de aquisição da leitura e escrita, vamos refletir como se deu o processo de construção histórica ao direito à alfabetização no Brasil.

2.1- A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO DIREITO À ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

A princípio a educação no Brasil passa por diversas fases, a primeira fase acontece com os primeiros registros na época dos jesuítas e do período colonial em 1554. Segundo Amorim (2019), durante 210 anos foram os jesuítas os educadores do Brasil, desde de que chegaram, sistematizaram uma organização educacional. Seus métodos de ensino e seus programas diferenciavam conforme a importância da casa e conforme os educandos: futuros sacerdotes ou leigos. Primeiramente, o ensino se concentrava no catecismo, na língua dos índios, em representações de autos, com o objetivo de impressionar os nativos ingênuos. Utilizava-se de tudo o que fosse útil para impressionar o gentio: o teatro, os cânticos e até danças. Foi nessas escolas de ler e escrever, fixas ou ambulantes, que teve início uma política educativa de propagação da fé e da obediência.

Já em 1759, Amorim (2019) aborda que os padres são expulsos do país e se é pensado em um novo modelo de educação. Com a expulsão dos jesuítas, a educação passa a ser gerida pelo Estado e enfrenta a primeira desastrosa reforma de ensino do país. Pombal criou escolas régias oficializando o ensino, o “subsídio literário” – imposto criado especialmente para a manutenção do ensino primário, que era da responsabilidade das câmaras. A reforma pombalina gerou uma fragmentação do sistema educacional, no sentido de que permitiu uma pluralidade de aulas isoladas e dispersas e consentiu que pessoas semi-analfabetas ministrarem matérias sem qualificação, inclusive pedagógica.

Logo após a formação da república em 1876, aconteceram a implementação dos primeiros métodos de leitura, com base em abordagens sintéticas como o alfabeto. Estes métodos eram baseados no aspecto fônico (som das palavras), na soletração e na silabação, com a utilização dos ditados e das cópias que eram chamados de “Cartas de ABC”. Segundo Soares, (2004), nessa época, ler e escrever passaram a ser habilidades importantes, pois os analfabetos eram proibidos de votar. Diferentemente dos métodos até então habituais. Em 1880

“método da palavração”, começou a ser divulgado e sistematizado, esse método baseava-se nos princípios da moderna linguística da época e consistia em iniciar o ensino da leitura pela palavra, para depois analisá-la a partir dos valores fonéticos das letras.

Em meados de 1890, ocorreu simultaneamente uma disputa entre os defensores do "método da palavração" e aqueles que continuavam a defender e utilizar os métodos sintéticos: da soletração, fônico e da silabação. Já em São Paulo logo após a reformulação da instrução pública no estado, começam a enxergar a importância da pedagogia e do método analítico que é um método que acredita que a criança percebe primeiro o contexto, para depois buscar entender palavras, sílabas e sons, e eles passam a ser defendidos por professores.

É a partir daí onde nasce o termo “Alfabetização”. Dessa forma, de acordo com Mortani, (2000) a alfabetização correspondia ao aprendizado do alfabeto e de sua utilização como código de comunicação. E é definida como um processo não apenas da aquisição de habilidades mecânicas como a codificação e decodificação, mas sim da capacidade de interpretar, compreender, criticar, resignificar e produzir conhecimento. Entretanto o foco continuou apenas em ensinar os alunos a ler e escrever, porém a escrita permanecia muito ligada à caligrafia.

A terceira fase da alfabetização se dá por volta de 1920. Onde começaram a aumentar as resistências dos professores quanto à utilização do método analítico e começaram a se buscar novas propostas de solução para os problemas do ensino e aprendizagem iniciais da leitura e da escrita.

Sendo assim nascem os métodos mistos e os testes de ABC, que pelo ponto de vista de Monarcha, (2008) para medir o desempenho dos alunos, ocorre também a abolição do método analítico pelos professores. Bem como a importância do método de alfabetização passou a ser relativizada, secundarizada e considerada tradicional, constituíam-se em métodos mais conhecidos pelo uso de cartilhas com o uso de cópias, ditados e outros. Os alunos aprendiam a ler mas não a escrever.

No final da década de 1970, inicia-se uma outra nova tradição no ensino da leitura e da escrita: a alfabetização sob medida, que tinha como objetivo o ensinar subordinado à maturidade da criança a quem se ensina as questões de ordem didática. Logo após a partir do início da década de 1980, segundo Mortatti, (2009) essa tradição começou a ser questionada, em questões de novas urgências políticas

e sociais que se fizeram após propostas de mudança na educação, a fim de se enfrentar, particularmente, o fracasso da escola na alfabetização de crianças.

Dá introduziu-se no Brasil o pensamento construtivista sobre alfabetização, resultante das pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita desenvolvidas pela pesquisadora argentina Emilia Ferreiro e colaboradores. A quarta fase, em 1990, ainda em curso, funda-se uma outra nova tradição: decorrente da ênfase em quem aprende e o como aprende a língua escrita (lecto-escritura), tendo-se gerado, no nível de muitas das apropriações, um certo silenciamento a respeito das questões de ordem didática e, no limite, criando um certo ilusório consenso de que a aprendizagem é independente do ensino.

Em suma, essa fase se deu após um crescimento no sistema educacional brasileiro, onde o país poderia dizer que todas as crianças estavam na escola. Portanto, diferentes propostas foram inseridas no ensino da leitura e escrita durante décadas, cada um com sua visão e defensor do seu método, e oferecendo uma certa “solução” perfeita para o problema de baixo desempenho das crianças nas escolas brasileiras.

É importante se pensar em como até os dias atuais esse sistema de alfabetização ainda possui falhas, já que de certa forma existe uma grande taxa de pessoas não alfabetizadas no país. Segundo o IBGE em 2022, 5,6% das pessoas com 15 anos ou mais de idade, equivalente a 9,6 milhões de pessoas, eram analfabetas no Brasil. Desse total 55,3% (5,3 milhões de pessoas), viviam na Região Nordeste e 22,1% (2,1 milhões de pessoas) na Região Sudeste.

2.2- PESSOAS NÃO ALFABETIZADAS NO BRASIL

Em sentido etimológico, o analfabeto se designa a qualquer pessoa que não conhece o alfabeto ou que não saiba ler nem escrever. Algumas pessoas analfabetas possuem dificuldade para entender a escrita e em colocar as ideias no papel, ou seja possuem limitações sociais e cotidianas e não têm acesso ao conhecimento básico. Segundo o relatório de monitoramento global de 2006, cerca de 771 milhões de adultos eram analfabetos, sendo que as mulheres representavam dois terços desse total. Para um quinto da população adulta em todo mundo, esta situação estaria violando os direitos humanos.

A educação é um direito de todos segundo o Art. 205 da Constituição Federal em que diz:

“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL. [Constituição (1988)])

É importante se pensar como essa educação está sendo imposta atualmente depois das dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação pós-pandemia, pois ela é e seguirá sendo algo indispensável mesmo no princípio destes “novos tempos”. Ser alfabetizado é uma condição que agrega valor à vida da pessoa. Uma criança a quem foi negado o direito às séries iniciais do ensino fundamental e um ensino presencial de qualidade durante a pandemia, pode não sofrer privações apenas na infância, ela pode ser prejudicada a vida toda se esta situação não for contornada.

A alfabetização potencializa a competência dos indivíduos, das famílias e das comunidades em seu acesso a oportunidades e serviços nas áreas de saúde, educação, política, economia e cultura. Ela é fundamental para a educação e, em especial, para a Educação para Todos, com seu foco na educação básica.

A alfabetização é um meio para alcançar outros direitos humanos, pois quem é capaz de utilizar as habilidades de alfabetização para defender seus direitos legais, tem vantagem significativa sobre quem não tem os mesmos recursos. Segundo o relatório de monitoramento global de 2006, uma "sociedade letrada" é mais do que uma sociedade com altas taxas de alfabetização: é uma sociedade "na qual aspectos importantes da vida social, como economia, direito, ciências e governo [...] formam o que podemos chamar de 'instituições textuais'. (Olson e Torrance, 2001).

Segundo os dados do Sistema de Avaliação Da Educação Básica (SAEB), divulgados pelo site G1 em 2021, a porcentagem de crianças do 2º ano do ensino fundamental que não tem acesso a leitura e escrita dobrou. Esses dados indicam que está acontecendo um atraso pedagógico considerável na vida dessas crianças.

Perceptível que questões sociais podem afetar diretamente a vida escolar das crianças e isso acaba sendo um dos motivos para o crescimento do índice de pessoas não alfabetizadas. Segundo o levantamento do MEC (Ministério da Educação e Cultura), apenas 56,4% das crianças brasileiras estão alfabetizadas, e

apenas 4 em cada 10 crianças do 2º ano do ensino fundamental estavam alfabetizadas no país em 2021.

O levantamento traz uma queda na porcentagem de alfabetização infantil comparado a 2019, onde mais de 6 crianças em cada 10 eram consideradas alfabetizadas. É importante ressaltar que no ano de 2021 o país estava tentando sair de uma pandemia onde o ensino se dava de forma remota e nem todas as crianças tinham acesso.

Observa-se que a educação básica no Brasil está em uma situação complicada depois da pandemia. Segundo a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, a partir do ano de 2019 para 2022 a taxa de escolarização das crianças de 4 a 5 anos caiu de 92,7% em 2019 para 91,5% em 2022.

É perceptível também que a Pandemia foi um dos fatores para essa queda, já que afetou vários outros fatores sociais, como a exclusão digital, a falta de acesso a internet, a evasão escolar, além da desigualdade social. Ainda segundo o (IBGE) a taxa de escolarização da população de 6 a 14 anos se manteve elevada em 99,4%, mas a taxa de frequência escolar líquida que é considerado a adequação idade/etapa caiu de 97,1% em 2019 para 95,2% em 2022 e chegou menor nível da série, iniciando em 2016. Notar-se a grande evasão das crianças das escolas, e sem saberem ler nem escrever bem desde cedo, uma criança jamais irá dominar as outras áreas de conhecimento.

É importante que a criança aprenda a ler e escrever, desenvolvendo assim seu processo cognitivo, com a influência funcional do adulto através da leitura e escrita.

Segundo Ferreiro (1996, p.24):

“O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças.” Ou seja, o pequeno estudante não se comporta como um ser passivo que apenas absorve tudo aquilo que lhe repassam, ela também aprende através da observação, do diálogo, do jogo simbólico, construindo seu próprio mundo por meio da realidade que a sua mente consegue perceber. (FERREIRO 1996, p.24)

Estabelecer relações entre a família e a escola nesse processo de alfabetização é necessário além de ajudar no processo de desenvolvimento da

criança, pois é em casa que ela tem acesso aos primeiros escritos, os brinquedos pedagógicos e o incentivo à leitura. De acordo com Piaget (1977), a ligação entre os professores e a família resulta em ajuda recíproca e no aperfeiçoamento real dos métodos, aproximando a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, sendo uma interação recíproca resultando na divisão de responsabilidades. O papel dos pais é de estimular e propiciar momentos de cumplicidade, de amor e carinho para a formação da criança.

3- A ALFABETIZAÇÃO E A PANDEMIA

Compreende-se que a pandemia do COVID-19 deixou muitas marcas na sociedade, principalmente no processo de educação e alfabetização durante o período de confinamento. Para compreender o processo de alfabetização no pós pandemia é necessário entender o que foi a pandemia.

3.1- PANDEMIA

De acordo com o artigo publicado no site Brasil Escola em 2023, por Paloma Cristarrara. A Organização Mundial Da Saúde (OMS) classificou a pandemia no mês de março de 2020, o conceito de Pandemia, segundo a (OMS), “é a disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, um surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa”. A pandemia ocorreu do final de 2019 até o começo de 2023, e começou a ser controlada após o surgimento da vacina.

Três meses depois de ser identificado o primeiro caso da doença no sudeste da China. Em fevereiro de 2020 foi identificado o primeiro caso da COVID-19 no Brasil, “e aproximadamente 3 anos mais tarde, mais de 36 milhões de pessoas haviam sido infectadas, com 693 mil registros de óbito.” A vacina é o principal meio de se prevenir da doença e impedir o maior avanço do vírus. No entanto, vale salientar que a vacina não traz a cura e sim minimiza as formas graves da doença, dados comprovados no que se refere à diminuição da ocupação em leitos de UTIs e mortes provocadas pelo vírus. É importante salientar, ainda, que a vacina por si só não teria o resultado eficaz, a população precisava fazer sua parte e seguir com todas as orientações da OMS.

Antes da vacinação a população passou por vários processos no período pandêmico. “O avanço da pandemia pelo território nacional levou a superlotação de hospitais e o colapso no sistema de saúde em muitas regiões do país (Paloma, 2023). Em 2021, o Brasil viveu a segunda onda da COVID-19, a mais longa e letal até então. Onde bateu o recorde triste de 4211 óbitos em um único dia.

Constata-se que diversos impactos foram deixados na sociedade sucedente da pandemia, além dos aspectos sociais, sanitários, repercutindo na vida, no cotidiano, na economia e na política. O *lockdown* e o distanciamento social

incorporou novos hábitos no dia a dia da população, como a ampliação do on-line no trabalho, nos estudos, nas relações e também no consumo.

A expansão da pandemia foi contida porque houve recursos financeiros, científicos e tecnológicos e grande empenho de muitas pessoas que se dedicaram a pesquisar e decifrar os mecanismos de ação do coronavírus. Apesar de sua extensão, com aproximadamente 5 milhões de mortos espalhados pelo mundo, foi possível dar uma resposta efetiva ao vírus.

3.2 - O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA

Durante a pandemia Covid-19 e o distanciamento social, foi possível observar como a limitação no contato e oportunidades de aprendizado das crianças acabou trazendo dificuldades para muitas delas. De acordo com o relatório da UESB/ UESC (2021) foi investigado o cenário pandêmico, referente aos impactos do uso das Tecnologias da informação e comunicação (TIC) Rose e Meyer (2002, apud ALBA, 2006, p. 148) trás que;

As tecnologias trazem para os educadores um imenso leque de recursos didáticos para lhes dar oportunidade de responder às diferenças individuais e às múltiplas facetas de sua aprendizagem, proporcionando meios variados, ferramentas e métodos, graças à flexibilidade que têm as tecnologias para se adaptar às diferentes necessidades dos estudantes, ajudando a superar as dificuldades e apoiando-se nos aspectos com maior potencial.(ROSE e MEYER 2002, apud ALBA, 2006, p. 148)

De acordo com os termos definidos pelo Parecer CNE/CP nº 5, de 28 de abril de 2020, foi recomendado que os sistemas e organizações educacionais desenvolvessem planos para a continuidade da implementação do calendário escolar de 2020-2021, de forma a retomar gradualmente as atividades.

Foi elaborada uma resolução normativa que destaca que: O documento sugere que as instituições, desde a educação infantil até o ensino superior, busquem alternativas para minimizar a necessidade de reposição presencial das aulas, computando atividades digitais ou em material impresso para cumprimento de parte da carga horária. O processo do ensino não presencial/ensino remoto emergencial (ERE), foi uma das estratégias encontradas por gestores da rede pública e privada a fim de mitigar os danos educacionais provocados pela COVID-19.

Reconhece-se que as instituições de ensino obrigaram-se a interromper as suas atividades presenciais e adequarem-se a atendimentos remotos, readaptando seu processo educativo. A aprendizagem dos educandos passou a depender do acompanhamento e orientação familiar. Durante a pandemia da COVID-19 novas metodologias e práticas de ensino precisaram ser criadas como retrata (Hodges, 2020 s.p)

O Ensino Remoto Emergencial foi a forma de oferta da educação utilizada durante o período de pandemia da COVID19 e caracteriza-se como uma mudança temporária da entrega de instruções para um modo de entrega alternativo devido a circunstâncias de crise. Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para instrução ou educação que, de outra forma, seriam ministradas presencialmente ou como cursos combinados ou híbridos e que retornarão a esse formato assim que a crise ou emergência tiver diminuído. É fundamental que fique muito claro a todos que o objetivo principal nessas circunstâncias não é recriar um ecossistema educacional robusto, mas fornecer acesso temporário a estratégias de ensino- aprendizagem de uma maneira que seja rápida de configurar e entregar de forma simples e confiável durante uma emergência ou crise. (HODGES, 2020, s.p)

O principal objetivo do ensino remoto era justamente possibilitar o acesso à educação em um momento de emergência, de maneira confiável, com configurações não tão difíceis de manipular, apesar de que esses foram pontos que geraram muita discussão na implantação desse ensino, pois houve muita dificuldade quanto ao acesso para todos e quanto à adaptação dos profissionais da educação e dos estudantes a essa forma de ensino, além das tecnologias necessárias.

É importante se questionar que durante esse contexto de ensino remoto qual a mudança no papel do professor diante desse contexto? Em entrevista ao canal Futura no dia 08/09/2020, Magda Soares falou sobre os novos desafios da alfabetização no Brasil no contexto da pandemia do Novo Coronavírus: ela trás que;

Neste contexto de pandemia, que nos obriga a separar as crianças de seus professores e a descaracterizar o locus da aprendizagem – não mais a escola, mas o lar – o professor tem de se esforçar para se manter presente por meio de um ensino a distância que possa dar alguma continuidade à aprendizagem a partir de onde o processo foi interrompido, sempre levando em consideração que a criança está em ambiente totalmente diferente do ambiente escolar, e frequentemente inadequado para a realização de atividades escolares. (SOARES, 2020)

Importante que o professor levasse em consideração que as crianças estavam em um ambiente totalmente diferente do escolar e inadequado para realizar atividades escolares. Os docentes além das orientações que tinham que ser passadas para as crianças também tinha que orientar a família, para dar a ela condições que deem apoio à criança neste contexto excepcional que estamos vivendo.

É possível se pensar a “educação tecnológica” durante a pandemia como um mecanismo que possibilitou a diversidade do aprender, ampliando as habilidades e construindo novos caminhos para o conhecimento. Ao mesmo tempo em que a tecnologia adentrou as salas de aulas como algo inovador, como solução imediata para a suspensão das aulas presenciais, evidenciou o problema da desigualdade social, porquanto nem todos possuíam acesso a aparelhos tecnológicos, internet, e que em uma conjuntura capitalista realça o “ter” sem contar com o “poder de aquisição”, causando a exclusão.

As desigualdades educacionais, sociais e culturais se tornaram ainda mais aprofundadas durante a pandemia entre as regiões brasileiras e entre os municípios da mesma região. Dados do INEP (2018) mostram que no Brasil, aproximadamente 40% dos alunos da rede pública não têm acesso a internet. Com a necessidade de se fazer um ensino remoto emergencial, alguns estados e municípios precisou pensar em soluções para evitar ainda mais as desigualdades sociais, evasão e repetência disponibilizando então para os alunos que não tinham acesso a internet ou celular, atividades impressas enviadas para casa ou levada por professores das escolas, entretanto não houve uma mediação do educador com o estudante em processo de alfabetização.

Lidar com o processo de alfabetização é um desafio para os professores, uma vez que envolve muitas cobranças de quando a criança deve ou não estar alfabetizada, os tempos de aprendizagem de cada uma, os métodos utilizados para que o aluno aprenda a leitura e a escrita, lidar com o fracasso e a evasão escolar, considerando que muitos alunos repetem o ano ou simplesmente passam para as séries/anos seguintes sem saber ler e escrever corretamente e, quando o sabem, não conseguem realizar uma interpretação, fazer o uso desses elementos nas práticas sociais. Magda Soares na entrevista para o canal futura em 2020 diz que;

“[...] a natureza do processo de apropriação do sistema de escrita alfabético, que representa sons da língua por letras, exige práticas de ensino que conduzam a criança a ter consciência dos sons da língua – consciência fonológica, a ter consciência da possibilidade de segmentação da cadeia sonora em sílabas, de enfim identificar os sons menores nas sílabas, os fonemas, que não são pronunciáveis, mas são identificáveis por procedimentos de base linguística, e compreender que são esses pequenos sons, os fonemas, que são representados por letras ou grafemas, constituindo a língua escrita.” (SOARES, 2020)

Compreendendo esse processo o alfabetizador precisa conhecer bem o sistema de representação de fonemas em grafemas, acompanhar as possibilidades das crianças de compreender esse sistema complexo e bastante abstrato respeitando seu progressivo desenvolvimento cognitivo e linguístico, para assim poder orientar o processo de aprendizagem das crianças.

A interação entre criança e alfabetizador é essencial nessa orientação, e a presença do alfabetizador muito dificilmente pode ser substituída por um adulto não formado para essa ação educativa. Nota-se que durante a pandemia não tinham esse acompanhamento dos profissionais de perto e ficava bastante complicado o processo de aprendizagem dos alfabetizandos. Alfabetizar no contexto que se impôs de forma rápida e inesperada durante a pandemia exigiu que os alfabetizadores se organizassem para a continuidade do ensino e da aprendizagem das crianças, entendendo que o conceito de alfabetização também compõe o processo de criar estratégias.

Reconhece-se que a família é parte crucial na aquisição da leitura e escrita, sendo um modelo de referência para o educando assim como trás Ferreiro, (1999, p.23). “A criação de hábitos que estimulam o incentivo à leitura e escrita da criança, ainda que não saibam ler nem escrever, a família contribui para a significação deste ato no dia a dia, com isso a criança terá mais conhecimento no processo de alfabetização.” Atividades simples como ler um rótulo de produto, cozinhar e até mesmo assistir um noticiário podem acabar auxiliando nesse processo de alfabetização.

Deve-se sempre chamar atenção para que a criança perceba as diferentes funções que a escrita pode ter, nas combinações das letras, desafiando-a a descobrir o que está escrito nas telas do noticiário, nos rótulos ou em outras situações do cotidiano.

Entretanto com a adesão do ensino remoto começaram a surgir as dificuldades para os professores, família e alunos, tais como; 1) Dificuldades de alguns alunos para acesso a uma internet de qualidade. 2) Falta de acessibilidade a equipamentos tecnológicos. 3) A falta de formação tecnológica para professores e etc... Durante o período pandêmico a desigualdade social foi escancarada ainda mais e trazendo problemas para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, Junqueira, (2020), trás quê em relação ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos durante o ensino emergencial é importante não culpabilizar a família e nem os estudantes pelas possíveis defasagem na aprendizagem, e compreender que muitos foram afetados pela desigualdade social e econômica que já existiam, mas se aprofundaram no período pandêmico e afetaram de várias maneiras o ensino remoto.

O ensino remoto teve suas fragilidades que se aguçaram e debilitaram o processo de aprendizagem e alfabetização de muitos educandos, e com as dificuldades nas condições de acesso, a falta de interação com a escola e o despreparo dos pais (responsáveis).

Apesar das circunstâncias que aconteceram no ano letivo de 2020 a 2021, as escolas buscaram saídas para que o processo de ensino e aprendizagem não fossem interrompido. As leituras digitais junto com outras artes visuais educativas ganharam força, sempre pensando na troca de conteúdos de forma atrativa para as crianças. É importante se pensar em como a influência tecnológica se aproxima do conceito de letramento como prática social como fala Almeida, (2005);

A fluência tecnológica se aproxima do conceito de letramento como prática social, e não como simplesmente aprendizagem de um código ou tecnologia; implica a atribuição de significados às informações provenientes de textos construídos com palavras, gráficos, sons e imagens dispostos em um mesmo plano, bem como localizar, selecionar e avaliar criticamente a informação, dominando as regras que regem a prática social da comunicação e empregando-as na leitura do mundo, na escrita da palavra usada na produção e representação de conhecimentos (ALMEIDA, 2005, p.174).

Nesse contexto é possível constatar a heterogeneidade de situações experimentadas pelas crianças, adolescentes e jovens matriculados na educação básica e suas famílias. Questões se mostraram como dificuldades, como as condições e formação dos docentes para trabalho de educação escolar em modo

remoto e para uso de mídias, para o desenvolvimento de formas de envolvimento ativo dos estudantes, desenvolvendo atividades compartilhadas, e até mesmo a avaliação do desempenho dos alunos.

Muitas dúvidas e preocupações existem relativas ao atendimento às crianças pequenas que frequentavam creches, as da pré-escola, e as em processo de alfabetização, considerando as necessidades e condições dessas faixas etárias, e também a falta de metodologias, suficientemente estudadas e consolidadas para esses níveis educativos, lembrando também os limites de uso por crianças pequenas de aparelhos receptores.

É importante se pensar em estratégias para que se haja uma interação com a utilização das tecnologias digitais para que aconteça de forma positiva a aprendizagem e desenvolvimento da criança durante o ensino remoto, mas é essencial limitar esse tempo que as crianças devem ter na frente das telas pois precisam se movimentar, e explorar fisicamente o mundo ao seu redor.

Neste sentido foi pensado em atividades que pudessem ser realizadas com objetos e materiais encontrados em casa como, por exemplo, ler um livro com a criança, contar histórias, causos e outros. Segundo Kleiman (1995) “ouvir e discutir textos com adultos letrados pode ajudar a criança a estabelecer conexões entre linguagem oral e as estruturas do texto escrito, a facilitar o processo de aprendizagem.

É possível pensar que a criança poderá, por meio de diferentes linguagens (vídeos, hipertextos, imagens, memes, animações, áudios), desenvolver as habilidades de leitura e escrita do sistema alfabético, mesmo diante da suspensão das aulas presenciais, em convívio com a família.” Propor que as atividades voltadas para a alfabetização aconteça na perspectiva do letramento, de forma lúdica sem desvalorizar os momentos em que um trabalho sistemático de reflexão sobre a escrita seja realizado para possibilitar às crianças obterem habilidades de leitura e escrita mesmo com o ensino remoto.

4- METODOLOGIA

Essa monografia utiliza uma abordagem de cunho qualitativo, desse modo, segundo Marconi e Lakatos (2010) a pesquisa qualitativa caracteriza-se por se tratar de uma pesquisa que tem como premissa, analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano e ainda fornecendo análises mais detalhadas sobre as investigações, atitudes e tendências de comportamento. Haverá uma análise através da realidade a partir de uma entrevista semiestruturada, com 3 professores de escola pública do município de Amargosa-BA, sobretudo referente aos Processos de alfabetização nos períodos iniciais do pós pandemia COVID-19. A escola pública selecionada para esse estudo deve atender as etapas específicas da educação básica: anos iniciais do ensino fundamental, especialmente em fase de alfabetização.

O método escolhido foi exploratório por ter como objetivo criar uma maior familiaridade com o problema, tendo em vista a torná-lo mais explícito ou a construir possibilidades.

Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão" (SELLTIZ et al., 1967, p. 63).

Eventualmente a pesquisa irá atuar no estudo de caso por ser delimitado, seus objetivos definidos, vista a exploração do caso ser amplo, delimitá-lo favorece a pesquisa em um tempo limitado dos fatos. Para Fidel (1992) estudo de caso: [...] é um método específico de pesquisa de campo. Em suma, o estudo de campo são investigações de fenômenos à medida que ocorrem, sem qualquer interferência significativa do investigador." As etapas de pesquisa serão observação e entrevista semiestruturada, lançando mão do diário de campo e registros fotográficos. Visto que estas técnicas são consideradas as mais adequadas para a produção do conhecimento e compreensão do problema a ser pesquisado.

Marconi e Lakatos (2003, p. 190) definem observação como: "Uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utilizar os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar."

A princípio para a coleta de dados desta pesquisa irá ser realizada uma entrevista, guiada pelos estudos de Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semi-estruturada está focada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Além da entrevista semi estruturada será realizado um diário de campo. Segundo Pezzato e L'abbate (2011) o trabalho de campo é uma estratégia importante de pesquisa, uma vez que envolve a articulação de proposições teóricas com a experiência empírica na produção de saberes contextualizados. O diário de campo se difunde como ferramenta de pesquisa a partir do trabalho de Malinowski, por meio da etnografia, que metodologicamente propõe um afastamento daquilo que se observa com uma grande quantidade de anotações de cunho descritivo.

As categorias centrais deste estudo são Alfabetização, Ensino e Pós-pandemia;

Evidencia-se que a alfabetização é compreendida como o processo de aquisição do código escrito, constituindo nele as competências e as habilidades da leitura e da escrita. Ou seja: quando se fala em alfabetização, fala-se necessariamente em um processo que envolve uma mecânica de aquisição da linguagem escrita. Magda Soares (2003), afirma que, diante disso, é importante se pensar como se deu esse processo de aquisição da leitura e escrita durante o pós pandemia.

Para falar do pós pandemia é importante citar o que foi a pandemia. Iniciada no ano de 2020 onde vários países foram engolidos pelo vírus que não tinha mais controle e nenhum tipo de tratamento, daí a Organização Mundial de Saúde decretou a pandemia do COVID-19. A pandemia durou 2 anos, até a efetivação da vacina, ocasionalmente vários fatores sociais e econômicos foram afetados durante a pandemia e o distanciamento social e a educação foi um deles. Em suma, o pós-pandemia é tudo aquilo que vem depois, onde as pessoas começam a voltar às rotinas das suas vidas, estabelecimentos e escolas voltam a funcionar presencialmente. Evidencia-se que o desenvolvimento de vacinas foi fundamental,

além disso, os médicos passaram a entender melhor o funcionamento do vírus e aperfeiçoaram o tratamento da doença.

5- DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO PÓS-PANDEMIA COVID-19 EM AMARGOSA-BA

Neste tópico será apresentado a análise de dados da entrevista semiestruturada e da observação realizadas ao longo da pesquisa, além de reflexões sobre o processo de alfabetização nos períodos iniciais do retorno das crianças a escola pós-pandemia COVID-19 e em como se encontram nos dias atuais.

No primeiro momento, iniciamos com a apresentação da pesquisadora a escola, a gestão e as professoras que seriam entrevistadas. A entrevista foi realizada com 3 professoras da escola pública do município de Amargosa-BA, nas turmas de 2º, 3º e 4º ano do ensino fundamental, em turnos diferentes, pela manhã e pela tarde.

As etapas de pesquisa foram a observação e entrevista semiestruturada, visto que estas técnicas são consideradas as mais adequadas para a produção do conhecimento e compreensão do problema a ser pesquisado. A estrutura da entrevista se deu a partir da criação de perguntas para serem apresentadas às professoras.

As primeiras perguntas foi no sentido de entender como foi o processo da pandemia para as docentes e como foi o processo de alfabetização naquele período, logo após visando entender como foi o processo de alfabetização pós pandemia COVID-19 foi lançado as seguintes perguntas; 1- O que tiveram que rever sobre sua prática de ensino depois da pandemia? 2- Quais eram as dificuldades dos alunos para serem alfabetizados antes da pandemia? Depois da pandemia essas dificuldades tiveram alguma alteração? 3- Como foi e está sendo esse processo de alfabetização das crianças que passaram seus primeiros anos do ensino fundamental em um período pandêmico? 4- Pensando no índice de dificuldade dos alunos quais as possibilidades criadas para que ocorra uma alfabetização efetiva? 5- Quantas crianças tem na turma e quantas são alfabetizadas?.

Já a observação ocorreu no período de 2 dias, onde a pesquisadora foi apresentada à turma, e designada a ficar a vontade para fazer as observações e análises do desenvolvimento das crianças e do que estava sendo trabalhado em sala de aula.

5.1- AMARGOSA: CIDADE JARDIM.

Figura 6 - Praça Lourival Monte, em Amargosa - BA



Fonte: <https://images.app.goo.gl/TZyaYBtTXSeAaybi9>

A pesquisa foi realizada no município de Amargosa-BA, situado na região na mesorregião do Centro-Sul Baiano, no Vale do Jiquiriçá, é reconhecida internacionalmente pela festa de São João e pelo crescimento econômico e educacional, principalmente depois da implantação do Centro de Formação de Professores da UFRB em 2006.

Segundo o site da UFRB, a história econômica e influência regional da cidade de Amargosa chegou a ser tema de estudo do mais importante geógrafo brasileiro, o Professor Milton Santos, que elaborou um importante trabalho sobre o município no século XX.

De acordo com o Diário Oficial do Município de Amargosa-Ba, publicado no dia 6 de março de 2024, no total, a rede municipal de educação conta com 35 unidades escolares onde são oferecidas a Educação Infantil (creche e pré-escola), Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Professora Rosalina Souza Bittencourt que é uma escola pública municipal em Amargosa, BA. Nessa instituição de ensino de educação básica há o funcionamento apenas da etapa de formação do Ensino Fundamental, ela é situada no bairro do Rodão/Centro, e contém em média cerca de 300 alunos.

A coleta de dados da identificação das professoras aconteceu através do formulário com as seguintes perguntas: Nome; Idade; Formação; Instituição de formação; Tempo de profissão; Tipo de vínculo; Onde mora; comunidade/ bairro.

Em que pese na metodologia a indicação seria de 3 colaboradoras, entretanto uma esteve impossibilitada de realizar a entrevista presencialmente, solicitou que fosse enviado um roteiro para que ela respondesse através de uma aplicativo nas redes sociais. No entanto, ao receber o roteiro respondido, foi possível observar que há uma diferença substancial da entrevista semiestruturada presencialmente e do encaminhamento do roteiro da entrevista. Esse encaminhamento se aproxima mais de um questionário do que de uma entrevista, então ao perceber essa diferença fiz a opção de fazer a análise somente de 2 colaboradoras que tinham a disponibilidade de realizar a pesquisa presencialmente. Todavia esse descarte atende ao critério de validação da pesquisa.

Iremos realizar uma breve análise dos dados de identificação das colaboradoras, tendo em vista todo sigilo do critério de pesquisa será utilizado nomes fictícios para representá-las. Através do quadro abaixo faremos uma breve análise dos dados das colaboradoras;

QUADRO 1 - TABELA DE COLABORADORES

NOME FICTÍCIO	IDADE	FORMAÇÃO/ INSTITUIÇÃO	TEMPO DE DOCÊNCIA	TIPO DE VÍNCULO
Rosa	36	Pedagogia-UFRB/ Letras-UESC	12 anos	Efetivo
Jasmim	39	Pedagogia-UFRB	7 anos	Contrato

Fonte: Arquivos da pesquisa

Com base nos dados podemos perceber que as colaboradoras possuem idade, formação e tempo de experiência diferentes.

Antes de falar do pós pandemia COVID-19 é importante entender um pouco como foi o processo do ensino da pandemia para as colaboradoras.

5.2- MARCAS DA PANDEMIA: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES

Tendo em vista que a pandemia afetou diretamente as vidas das pessoas, com os professores não foi diferente. A pandemia da Covid-19 somou-se aos desafios que os docentes já vinham enfrentando. Assim a sala de aula teve de ser substituída pela casa, pelo quarto ou até mesmo pela cozinha dos docentes. De acordo com a revista Arco da UFSM publicado em (2021), com o distanciamento social, as adversidades aumentaram: a falta de recursos para ministrar aulas remotas; a sobrecarga de trabalho – pela necessidade de auxiliar alunos nas redes sociais após o fim do expediente; o uso excessivo de telas e, em alguns casos, a dificuldade para utilizar as plataformas digitais. Tudo isso aliado, possivelmente, à preocupação de perder o emprego – como é o caso de docentes de escolas privadas – e também a problemas financeiros familiares decorrentes da pandemia.

Considerando todo processo de desafios durante a pandemia na vida docente, no momento de coleta de dados foi possível analisar quais foram as principais dificuldades das colaboradoras durante o ensino remoto na pandemia COVID-19.

No início da entrevista semiestruturada, quando foi perguntado pela pesquisadora "O que foi a pandemia para você? Em questões pessoais e educacionais". Aconteceu as seguintes manifestações;

ROSA - "Na experiência pessoal eu tive crises de ansiedade, passei até por psicólogo depois de todo processo, perdi também pessoas da minha família. Peguei COVID-19 e vivia o tempo todo assustada. A questão de ficar presa em casa me deixava angustiada e eu não sabia separar a hora de trabalhar e a hora de descansar já que as aulas eram on-line, às vezes dava meia noite e eu ainda tava trabalhando. Além das dificuldades com a família também, para se adaptarem e compreenderem que precisavam fazer silêncio porque ali era meu momento de trabalho." (Entrevista, ROSA, 2024)

JASMIM- "Foi difícil pra mim, por conta de ver minha filha desenvolver ansiedade durante a pandemia, por ela estudar em uma escola particular na época, eles exigiram muito dos alunos e não eram flexíveis de forma alguma e ela tinha que ficar na tela do computador das 8 às 12 direto, eu vi minha filha adoecer e aquilo me deixou mal. Outro fator também foi o excesso de informação, onde a

gente não sabia o que era fake news e o que era verdade, eu quase fiquei doente com a preocupação e o medo de pegar COVID-19. A questão do trabalho tive que me moldar ao modelo assíncrona que era muito difícil, principalmente pra fazer os alunos manterem a concentração na aula em questão de barulho e outras dificuldades.” (Entrevista, JASMIM, 2024)

A pesquisa mostrou uma correlação entre as respostas de Rosa e Jasmim. Dessa forma, pode-se inferir que de acordo com os dados é perceptível o quanto as atividades remotas e o trabalho em casa afetaram a vida e o psicológico das docentes. Para Palácios e Fleck (2020), um professor que presta um serviço eficiente deve ser a priori, portador tanto de saúde psíquica quanto de equilíbrio emocional, deve ter condições ambientais mínimas para o exercício das atividades investidas em seu cargo ou função.

Realidades contrárias a estas podem comprometer a qualidade do serviço prestado – o ensino, além da saúde desses profissionais. Entretanto sabemos que na pandemia nada disso foi levado em consideração de acordo com o relato das colaboradoras, onde era excedido o tempo de trabalho e elas adoeceram mentalmente.

Assim compreendemos que não foi só a saúde mental dos docentes que foram afetadas, tiveram diversos impactos na sua atuação e desenvolvimentos das atividades dos alunos. Segundo Muniz, (2021) Novas tarefas foram incluídas na rotina docente, que precisou aprender a lidar com as tecnologias em tempo recorde. Além disso, o docente precisou se adaptar para receber seus alunos de forma virtual. Foram muitos acontecimentos que se sucederam, novas formas de trabalhar, o distanciamento social, mortes no mundo todo, o que levou a uma alta vulnerabilidade emocional e psicológica do profissional docente.

Por sua vez, durante a entrevista semiestruturada, quando questionado sobre a prática do professor durante a pandemia, o que ele não faria novamente e o que acrescentaria; surgiu as seguintes resposta das colaboradoras;

ROSA - "O que eu não faria novamente, seria me perder novamente, em questão de misturar o profissional com o pessoal, porque eu adoeci com isso, limitar meu tempo de trabalho também porque as pessoas na pandemia mandavam mensagem às 21 horas e achava que o professor tinha obrigação de responder. E o que eu acrescentaria é que a pandemia ela trouxe as questões das tecnologias, dos vídeos dos jogos e isso trouxe uma novidade para

os alunos, então continuaria trazendo isso como materiais didáticos diferentes para usar em aula". (Entrevista, ROSA, 2024)

JASMIM - "Eu consegui me adaptar ao ensino remoto, planejava minhas aulas antes, deixava tudo organizado, igualmente eu faço nas aulas presencial, eu me preparava. A única dificuldade era prender a atenção das crianças, não era a mesma coisa de estar na sala de aula, alguns alunos tinham que ficar toda hora chamando atenção, ficavam fazendo barulho ou não tinha alguém ao lado para orientar então acredito que essas foram as dificuldades. O que eu acho que ajudaria é a prefeitura ou o governo pudesse ajudar nas acessibilidades desses alunos em relação a internet, porque a maior dificuldade dos alunos na pandemia de não ter conseguido participar ativamente das aulas foi por conta do celular está ruim e a internet não está funcionando, principalmente na zona rural." (Entrevista, JASMIM, 2024)

Em vista disso, podemos perceber o quanto a prática docente na pandemia foi limitada e os professores e alunos foram afetados diretamente, onde passaram por um processo difícil, sem muitos recursos, nenhum preparo e acolhimento. Nesse sentido, no próximo capítulo vamos entender quais são os desafios e possibilidades de como se deu o processo de alfabetização pós ensino remoto e pós pandemia COVID-19.

5.3- DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO PÓS PANDEMIA COVID-19

A observação foi importante no processo de analisar pessoalmente quais as principais dificuldades dos alunos, além de compreender todo esse processo de ensino pós-pandêmico. Durante a observação foi possível identificar que as turmas possuem alunos em níveis de alfabetização diferentes, onde quase 30% das turmas ainda não sabem ler nem escrever totalmente e já estão em turmas que já deveriam estar alfabetizadas.

De acordo com a BNCC, é no 1º e no 2º ano que se espera que a criança esteja alfabetizada e amplie a sua participação em eventos de letramentos. É quando a mediação do professor e a troca com os colegas é fundamental para que a criança avance em seu processo — exatamente o que não pôde ser oferecido na pandemia.

Então, o que ocorreu é que esses estudantes não concluíram, ou não concluíram bem o seu processo". Foi perceptível também nesse retorno a falta de

apoio de alguns pais com a escola e os professores, além de todo contexto social que afetou diretamente a vida escolar e todo processo de alfabetização dos alunos. Hoje, esses alunos estão no 4° ou 5° ano e ainda apresentam dificuldades na produção de textos orais e escritos e na leitura. Esse, aliás, não é um fenômeno novo no Brasil. Um levantamento feito pela ONG Todos pela Educação aponta que 40,8% das crianças brasileiras entre 6 e 7 anos não sabiam ler ou escrever em 2021. É como se, em uma sala de aula com 25 crianças, 10 delas não houvessem sido alfabetizadas. Para chegar a essa conclusão, a ONG analisou dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do IBGE. Ainda segundo a ONG Todos Pela Educação (2021), a explicação para a queda na alfabetização foi a pandemia de Covid-19, que causou a suspensão de aulas presenciais e obrigou as redes de ensino a se adaptar nos últimos dois anos. Infelizmente o analfabetismo, é uma realidade que já existia, mas que estávamos caminhando, pouco a pouco por meio de políticas públicas, para uma melhoria. A pandemia vem desestabilizar essa curva ascendente e aprofundar as desigualdades novamente”.

Nesse sentido, foi possível analisar pela pesquisadora durante a observação que as turmas são bastantes diferentes em relação aos turnos em que se encontrava. A turma da manhã que era da professora Jasmim era mais tranquila, e as crianças estavam bastante desenvolvidas além de ter diretamente o contato e apoio dos pais. Já a turma da tarde, que era da professora Rosa, era bastante agitada e a professora tinha bastante dificuldade para conseguir desenvolver as atividades em sala. Na turma da tarde também tinha duas crianças atípicas que eram acompanhadas por profissionais de apoio e tinham atividades diferentes das demais. Além da turma da tarde, a professora tem mais dificuldades em conseguir o apoio dos pais. Dessa forma durante a entrevista semiestruturada quando a pesquisadora questiona “Como ocorre o processo de colaboração entre escola e família e se os pais participam ativamente”, foi obtido as seguintes respostas das colaboradoras;

Rosa- "Alguns pais entendem o lado do professor e ajudam diretamente na vida escolar das crianças, principalmente depois da pandemia alguns ainda cobram as atividades mesmo quando o filho não pode ir para escola. Mas também tem pais que não ajudam e nem participam de nada, tenho alunos com dificuldades que já conversei com os pais várias vezes e não resolve em nada, mas tem

muitas outras questões envolvidas como as questões sociais e meios em que essas crianças vivem." (Entrevista, ROSA, 2024)

Jasmim - Eu já tive turmas que tinham 0 participação dos pais, já fiquei um ano em sala e nunca tive contato com pais de certos alunos. Então é muito relativo essa relação, tem turma que você tem 100% e tem turma que você tem 0% de apoio dos pais, isso varia muito todos os anos. Tem turma que dá prazer de ensinar, pois tem aquela parceria com os pais, essa minha turma atual eu tenho essa parceria, então ajuda muito no desenvolvimento das crianças. (Entrevista, JASMIM, 2024)

Compreende-se que o conjunto de família e escola é importante para o desenvolvimento escolar dos alunos. Segundo Szymanski (2003 p.101); “ As famílias podem desenvolver práticas que venham a facilitar a aprendizagem na escolar (por exemplo: preparar para a alfabetização) e desenvolver hábitos coerentes com os exigidos pela escola (por exemplo: hábitos de conversação) ou não...”.

Considerando isso é de suma importância que a família possua uma boa relação com a escola e professores e esteja envolvida diretamente na vida escolar das crianças. Para que não se faça somente criticar a escola, nem responsabilizá-la pelo fracasso escolar de seus filhos, é importante que a família faça sugestões de propostas para a escola para complementar o ensino de seus filhos, além de se interessar pelos problemas que seu filho possa encontrar nas disciplinas escolares..

Neste contexto, Maranhão (2004, p.89-90) enfatiza a importância da relação família-escola afirmando que: O que família e escola julgavam suficiente no que tange à educação, já não é. O ideal é que pais, professores e comunidade estreitem seus laços e torne a educação um processo coletivo. Mas não cabe aos professores educar os pais. Seu alvo é o aluno, independente da história familiar que carrega e o influencia.

Entende-se que o retorno das aulas pois a pandemia do COVID-19 trouxe bastante dificuldades aos docentes, principalmente quando se tratava de crianças que viveram 2 anos de ensino remoto e a maioria foi alfabetizada nesse tempo, onde era necessário todo um cuidado e apoio dos docentes para esses alunos. O governo federal aprovou em 2023 o Decreto n. 11.556/2023, que segundo o artigo nº 1 da constituição federal diz que; Fica instituído o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada - Compromisso, por meio da conjugação dos esforços da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, com a finalidade de garantir o direito à

alfabetização das crianças brasileiras, elemento estruturante para a construção de trajetórias escolares bem sucedidas. Cujo objetivo é implementar políticas, programas e ações para que as crianças estejam alfabetizadas ao final do segundo ano do Ensino Fundamental e promover medidas para a recomposição das aprendizagens, com foco na alfabetização, prioritariamente para as crianças que não alcançaram os padrões adequados de alfabetização.

Isso evidencia que a alfabetização e a superação das lacunas de aprendizagem são prioridades no pós-pandemia. Segundo Alves e Tassoni, (2024), a definição de uma política educacional bem estruturada e sistêmica faz-se necessária, tendo em vista que, durante o ensino remoto emergencial, ocorreram fragmentações nos currículos escolares que acabaram por inviabilizar o processo de alfabetização.

Diante do exposto, durante o diálogo na entrevista semiestruturada quando levantado como foi o primeiro contato com as crianças pós-pandemia e como está sendo esse processo de alfabetização no pós-pandemia ouve as seguintes respostas das colaboradoras.

Rosa- "Difícil, porque a gente tenta trazer materiais lúdicos, para fazer atividades diferentes, tenta estimular, nos sábados letivos damos aula de reforço. Todos os alunos fizeram diagnóstico, e os que apresentaram dificuldades eu passo pra eles uma cartilha de alfabetização, onde eles produzem no período da aula, com meu acompanhamento no período que os outros alunos estejam copiando as atividades. Faço isso porque eu também não posso atrasar os que estão avançados e não posso deixar que esses fiquem pra trás, porque um menino desse sai do 5º ano sem saber ler nem escrever ele está fadado ao analfabetismo." (*Entrevista, ROSA, 2024*)

Jasmim - "Quando eu voltei para o presencial foi um choque de realidade, em relação ao comportamento, ao aprendizado, ao acompanhamento familiar, além de que as crianças voltaram muito ansiosas. Isso ocorreu também porque muitas crianças não acompanharam o ensino online e aí quando retornaram tinha alunos do terceiro ano que não sabiam ler. A gente ainda tentava fazer um acompanhamento online, ligava para os pais para saber como estava o avanço do conhecimento das crianças, e muitos diziam que estava bem e que as crianças já estavam lendo, mas quando chegou na sala de aula pós pandemia foi totalmente diferente." (*Entrevista, JASMIM, 2024*)

Com isso muitos professores precisaram se reorganizar e rever suas práticas pós-pandemia, para que pudessem acompanhar o desenvolvimento atual dos

alunos. Compreender os desafios atuais da alfabetização escolar pós-pandemia é criar condições para que escola, professores(as) e familiares tenham igualmente condições de trabalharem juntos para poderem vencer os desafios dessa nova realidade educacional e social.

Márcio Nobre et al. (2023) afirmam que o contexto pós-pandêmico se caracteriza por questões psicológicas que se refletem no aprendizado escolar, processo que se tornou ainda mais dependente do laço família-escola, comumente frágil. Dialogando Também com o relato das professoras em relação a participação da família na vida escolar das crianças e quanto esse apoio faz toda a diferença. Mariclei Przylepa, (2023, p4) destaca que os/as educandos/as voltaram para a escola assustados/as, ansiosos/as, com comportamentos depressivos e dificuldades de socialização, interação e convívio social, “o que os tornavam resistentes ao cumprimento de regras básicas ao convívio escolar”.

Dessa forma quando perguntado as colaboradoras o que elas tiveram que rever das suas práticas docentes depois da pandemia, surgiu as seguintes indagações;

Rosa- "Tive que ser mais criativa, porque para competir com a tecnologia é bem difícil, os meninos passaram um período em que usavam celular para tudo nas aulas, e aí no retorno foi bem complicado para conseguir prender a atenção deles. Eu busco inovar sempre, até porque cada criança aprende de uma forma, fazer bloquinhos de alfabetização, atividades diferentes e lúdicas, trazer vídeos quando dá, além de jogos em sala. Mais vezes eu fico angustiada por saber que o que eu faço ainda não é o suficiente, porque não adianta eu trabalhar sozinha, eu preciso desse apoio da família para que as crianças se desenvolvam e façam as atividades em casa também." Acho que ainda faltam recursos na escola para que tivesse uma aula mais criativa, onde os alunos tivessem acesso a tecnologia entre outras coisas assim. (Entrevista, ROSA, 2024)

Jasmim - "Voltei a trabalhar com a família silábica, pois muitos alunos ainda tinham dificuldades com a leitura e a escrita, tive que ser mais criativa e buscar conteúdos diferentes para poder avançar além de trabalhar conteúdos de alfabetização, utilizei jogos, vídeos, slides, pesquisas e discussões, além de maquete. Então essa turma que estou hoje está bastante avançada, pois os alunos que querem e tem também o apoio familiar conseguiram superar esse processo e começaram a ler." (Entrevista, JASMIM, 2024)

Logo é possível perceber que as colaboradoras tiveram que rever suas práticas e se adaptar ao novo processo, já que elas eram professoras de turmas

onde as crianças já deveriam saber ler e escrever mais tiveram que retornar aos conteúdos de primeiro ano. Andreia Romanzini, Letícia Botton e Aline Vivian (2022,p.149) afirmam que isso ocorreu porque as crianças foram privadas da socialização com seus pares durante a pandemia, e que esse processo é fundamental para favorecer aprendizados importantes para o desenvolvimento humano, “como experiências lúdicas, interações presenciais, cooperação, compartilhamento de decisões, convivência com as diferenças, aprendizagens relacionadas com o controle dos impulsos, lidar com as frustrações, entre outros”. É importante salientar que o trabalho das colaboradoras com a família silábica e o retorno do alfabeto não é algo solto, junto com essa revisão para as crianças que estão com dificuldades no processo de alfabetização, vem todo um contexto. Durante a observação foi possível analisar esse trabalho, onde era utilizado a leitura de um livro para fazer a análise de algumas palavras e sílabas, reforçando assim a família silábica e desenvolvendo também a leitura e interpretação de texto.

Dialogando com o pensamento sobre a modificação e adaptação a novos métodos de ensino, Magda Soares, numa entrevista dada ao Blog de Stella Bortoni em 2019, diz que;

Alfabetização não é uma questão de método. O grande equívoco na área é que, historicamente, sempre se considerou que alfabetização era uma questão de método.[...] Nós temos mudado de método a todo momento ao longo das décadas e nunca conseguimos resolver nosso problema de alfabetizar todas as crianças ou, pelo menos, a maioria delas no tempo certo. Os professores alfabetizadores sempre perguntam: que método usar? E eles são tão espertos e lúcidos que falam: “eu uso o método eclético”. Ou seja, eles misturam vários e tiram de cada um aquilo que está dando certo para seus alunos. (BORTONI, 2019)

Durante o período de observação a pesquisadora teve acesso a um dos bloquinhos de alfabetização da professora Rosa, e acompanhou um dos alunos atípicos realizando essas atividades, onde trabalhava a escrita do nome, contagem das letras, contagem das sílabas e localização das letras do nome da criança. E é perceptível o quanto esse método tem funcionado para a turma, onde a colaboradora consegue fazer com que os alunos avancem mesmo com todas as dificuldades que vem acontecendo nesse pós-pandemia. Diante disso compreende-se que as atividades executadas pelas colaboradoras são de grande

importância para o desenvolvimento das crianças já que elas estão obtendo resultados positivos em relação a alfabetização desses alunos. E são esses novos métodos que estão ajudando a combater as dificuldades dos alunos para que ocorra uma alfabetização efetiva no pós-pandemia COVID-19.

6- CONCLUSÃO

Os resultados desse estudo apontam que a Pandemia do COVID-19, afetou diretamente a vida escolar das crianças em processo de alfabetização, onde o ensino remoto não foi o suficiente para que fossem alfabetizados efetivamente, diante disso, na escola pesquisada foi possível analisar que quase 30% das turmas não estavam alfabetizadas, e estavam em turmas onde já deveriam saber ler e escrever.

Em síntese, entende-se que a alfabetização nos primeiros anos do ensino fundamental, é de suma importância para que as crianças consigam seguir sua vida com sucesso. Ao final do 2º ano, ali pelos 7 ou 8 anos, todas deveriam dominar as habilidades de leitura e escrita previstas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O motivo para os docentes se preocuparem em garantir essas habilidades neste ponto inicial da trajetória escolar é simples: sem elas, todo o aprendizado escolar dos anos seguintes, em todas as áreas de conhecimento, é prejudicado.

A pandemia não só afetou o processo de alfabetização das crianças, como também conseguiu afetar a saúde mental dos alunos e docentes, onde voltaram para sala de aula mais ansiosos e acelerados. Desse modo, é importante que o professor que presta um serviço eficiente e essencial deve ser prioridade, e portador tanto de saúde psíquica quanto de equilíbrio emocional.

Conclui-se que, o processo de alfabetização no contexto pós-pandemia desafia a comunidade escolar, principalmente os/as professores/as. E nesse contexto para responder a pergunta de partida dessa pesquisa “de que maneira os professores alfabetizadores enfrentaram/enfrentam os desafios do processo de ensino-aprendizagem da alfabetização das crianças Pós-pandemia COVID-19?”. Podemos analisar que foi através de diagnósticos de alfabetização, entendendo em qual contexto aquela criança estava durante a pandemia, se ela teve acesso ao ensino remoto e analisando como estava sua saúde mental no retorno da pandemia, além de todo diálogo e contato entre escola e família.

À vista disso, a criação de métodos novos de alfabetização e atividades lúdicas foi de suma importância para alfabetização das crianças, respeitando o tempo e espaço de cada criança sem prejudicar as outras, além de continuar usando da tecnologia como metodologia de ensino.

Assim, é necessário pensar em estratégias pedagógicas e em um currículo que olhe para a necessidade de apoio desses alunos, essas estratégias são essenciais para extrair o melhor aproveitamento do aluno, ajudando-o a adquirir e a fixar o conteúdo que foi ministrado. Compreendendo que para superar os desafios atuais da alfabetização escolar pós-pandemia é necessário criar condições para que escola, professores(as) e familiares tenham igualmente condições de trabalharem juntos para poderem vencer os desafios dessa nova realidade educacional e social.

REFERÊNCIAS

ABE, Stephanie Kim. **Desafios e boas práticas da alfabetização no pós-pandemia**. Publicado em 06.10.2022. Página Cenpec. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/noticias/os-desafios-e-as-boas-praticas-da-alfabetizacao-no-pos-pandemia> Acesso em: 07 nov. 2023.

ALMEIDA, M. E. B. **Letramento digital e hipertexto: contribuições à educação**. In: SCHLÜNZEN JUNIOR, Klaus (Org.). *Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. Acesso em: 05 nov. 2023.

ALMEIDA, Tamires. **Quais são os desafios da alfabetização pós-pandemia?** Publicado em 08/04/2022. Futura. Disponível em: <https://www.futura.org.br/alfabetizacao-quais-sao-os-desafios-pos-pandemia/> Acesso em: 05 nov. 2023.

Alves, R. A. M., & Tassoni, E. C. M. T. (2024). **Desafios de alfabetizadoras no pós-pandemia. Retratos Da Escola**, 18(40). Disponível em; <https://doi.org/10.22420/rde.v18i40.1969>

ANDRADE, Maria Eurácia Barreto de. SANTOS, Andreia Barbosa dos. FREITAS, Gilsélia Macedo Cardoso. SILVA, Luana Patrícia Costa (Organizadoras). **Educação Popular e Alfabetização: Territórios, Memórias e Saberes**. 1. a Edição. Editora Performance. Arapiraca. Dezembro de 2023. Acesso em: 29 de abril de 2024.

Artigo: **Pedagogia, alfabetização e letramento nas escolas brasileiras, evolução histórica**. por Americo N. Amorim | abr 5, 2019 | Educação Infantil, Ensino Fundamental, Pesquisas em educação. Acesso em 17 de outubro de 2023. Disponível em <https://escribo.com/2019/04/05/alfabetizacao-e-letramento-no-brasil-evolucao-historica>

ASSIS, Ana Elisa S. Q. **Educação e pandemia: outras ou refinadas formas de exclusão?** Educação em Revista. Belo Horizonte.2021 Bortoni. S. **Magda Soares fala sobre alfabetização**. 14 Janeiro 2019 14:37. Disponível em; <https://www.stellabortoni.com.br/index.php/4910-magda-soares-fala-sobre-alfabetizacao>

Como recuperar o aprendizado dos alunos após a pandemia? ISAAC, 2022. Acesso em: 20 nov. 2023. Disponível em: <https://isaac.com.br/blog/recuperar-aprendizado-dos-alunos-apos-a-pandemia#:~:text=Algo%20que%20passou%20a%20ser%20adquirido%20em%20uma%20C3%BAnica%20turma.&text=Em%20uma%20mesma%20sala%20do,ainda%20n%C3%A3o%20reconhecem%20as%20letras>

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. Acesso em: 20 de julho de 2022.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. - 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011 - (Coleção questões da nossa época; v.6)

FISHER, Steven R. **História da escrita**: Tradução Mirna Pinsky. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FREIRE, Paulo, 1921-1997 **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos** / Paulo Freire. – São Paulo: Editora UNESP, 2000. Acesso em: 03 de abril de 2024.

GAROFALO, Débora. **Desafios da educação e como superá-los no pós-pandemia**. Revista Educação, 18 de maio de 2022. Acesso em: 20 nov. 2021. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2022/05/18/educacao-pos-pandemia-debora/>

GATTI, Bernardete A. **Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia**. Estudos avançados.2020. Acesso em: 20 julho 2023

GIL, Antônio C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Editora Atlas S.A. 4 ed. São Paulo. 2002

GOMES, Irene. FERREIRA, Igor. **Em 2022, analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos e no Nordeste**. 07 de junho de 2023. Disponível em; <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste#:~:text=A%20taxa%20de%20analfabetismo%20para.%2C8%25%20para%20o%20Sudeste> Acesso em: 17 de outubro de 2023.

Gov.br. **Conheça o Brasil - População EDUCAÇÃO**. Disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em 15 de outubro de 2023

GUITARRARA, Paloma. **"Pandemia de COVID-19"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/pandemia-de-covid-19.htm>. Acesso em 11 de maio de 2023.

HODGES, C.; MOORE S.; LOCKEE B.; TRUST T.; BOND A. **The difference between emergency remote teaching and online learning**. EDUCAUSE Review. 27 mar. 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergencyremoteteaching-and-online-learning>, 2020. Acesso em: 11 maio 2023

KLEIMAN, A. B. **O que é Letramento**. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). Os significados do letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

LUIS, Sylvania de Sousa Felipe. **Alfabetização na pandemia: realidades e desafios**- João Pessoa, 2020. UFPB/CE. ACESSO EM: 29 de maio de 2024.

LUIZ, S. S. F. **Alfabetização na pandemia: realidades e desafios**. Trabalho Final de Curso; Universidade Federal da Paraíba, dez. 2020. Acesso em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19167>. Acesso em: 05 nov. 2023.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARANHÃO, Magno de Aguiar. **Educação brasileira: resgate, universalização e revolução**. Brasília, Plano: 2004.

MARQUES, Cristiane Gabriela Tudeschini; FONSECA, Angela. **Os desafios da alfabetização na pandemia: propostas e soluções encontradas por professoras**. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 22, no 15, 26 de abril de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/15/os-desafios-da-alfabetizacao-na-pandemia-propostas-e-solucoes-encontradas-por-professoras> Acesso em: 07 nov. 2023.

MONARCHA, C. (2008). **“Testes ABC”: origem e desenvolvimento**. Boletim-Academia Paulista de Psicologia, Acesso em 28 de junho de 2024..

Mortatti, M. D. R. L. (2009). **A “querela dos métodos” de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa**.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **HISTÓRIA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL**. 22/05/2006, disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf . Acesso em: 12 de abril de 2024.

MUNIZ, Carla Andressa Santos et al. **IMPACTOS CAUSADOS PELA PANDEMIA: NA VIDA DOS ALUNOS/CRIANÇAS E PROFISSIONAIS DOCENTES**: gt 2: educação e comunicação. In: A EDUCAÇÃO NO DIGITAL: A PANDEMIA COVID-19, DEMOCRACIAS SUFOCADAS E RESISTÊNCIAS .., 2021, Anais [...] . Cuiabá/Mt: Semi Edu, 2021. p. 1-7. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/semiedu/issue/view/926#:~:text=Os%20Anais%20do%20XXIX%20Semin%C3%A1rio.%2C%20Democracias%20Sufocadas%20e%20Resist%C3%A2ncias%E2%80%9D>. Acesso em: 05 ago. 2024.

NeuroSaber. **Entenda o panorama da alfabetização no Brasil**. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/artigos/entenda-o-panorama-da-alfabetizacao-no-brasil/> Acesso em 16 de outubro de 2023.

NOBRE, Márcio Rimet et al. **Que escola pós-pandemia?** SciELO Preprints, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5338>> Acesso em: 14 out. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5338>

PALACIOS, R. A. FLECK, C. F. **Docente ou doente: como fica a rotina dos profissionais da educação com o crescente adoecimento emocional?** Revista Trabalho. Necessário, v. 18, n. 36, p. 365- 391, 22 maio 2020. Acesso em 18 de julho de 2024.

PEREIRA, Hortência Pessoa; SANTOS, Fábio Viana; MANENTI, Mariana Aguiar. **“Saúde Mental de Docentes em Tempos de Pandemia: os impactos das atividades remotas”**. Boletim de Conjuntura (BOCA), vol. 3, n. 9, 2020. Acesso em 26 de julho de 2024.

Pezzato, L. M., & L'abbate, S. (2011). **O uso de diários como ferramenta de intervenção da Análise Institucional: Potencializando reflexões no cotidiano da Saúde Bucal Coletiva**. *Physis: Revista de*

Saúde Coletiva, 21(4), 1297-1314. doi:10.1590/S0103-73312011000400008. Acesso em: 28 de março de 2024.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação**. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

PRZYLEPA, Mariclei. **A educação no Brasil pós-pandemia: o processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental no contexto da prática**. Colóquios - Geplage - PPGED - CNPq, (4), p.xiii-xxi. Disponível em: <<https://www.anaiscpge.ufscar.br/index.php/CPGE/article/view/1125>> Acesso em: 24 set. 2023.

QUEIROZ, Rita de C. R. **A informação escrita: do manuscrito ao texto virtual**. Disponível em: http://www.ufrgs.br/limc/escritacoletiva/pdf/a_info_escrita.pdf Acessado em: 12 de julho de 2024.

REIS, Caroline. K. **História da escrita: uma contextualização necessária para o processo de alfabetização**. Uberlândia – MG . Outubro/2019. Acessado em: 12 de julho de 2024

Revista Arco. **Ser professor na pandemia: impactos na saúde mental**. Projeto de Extensão do curso de Psicologia desenvolve ações com foco na saúde mental dos docentes. Publicado em 17/09/2021, 13h05. Atualizado 17/09/2021, 13h10. Acesso em 18 de julho de 2024.

ROMANZINI, Andréia & Botton, Letícia & Vivian, Aline. (2022). **Repercussões da pandemia da Covid-19 em crianças do Ensino Fundamental**. Saúde em Debate. 46. 148-163. 10.1590/0103-11042022e513.

SANTOS, Adalberon Silva. **Análise das Dificuldades na Alfabetização e Letramento na EJA em um Colégio da Asa Norte – Brasília / Df**, Fevereiro de 2013. 80 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

SANTOS, Boaventura S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Emily. **56,4% das crianças brasileiras não estão alfabetizadas, mostra levantamento inédito do MEC**. 31 de Maio. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/05/31/564percent-das-criancas-brasileiras-nao-estao-alfabetizadas.ghtml> Acesso em: 15 de outubro de 2023.

SOARES, M. (2004). **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação. Acesso em 15 de junho de 2024.

SOARES, Magda. **Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia?** Entrevista no canal Futura. 08/09/2020. Disponível em <https://www.futura.org.br/como-fica-a-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-apandemia/>. Acesso em: 29 de maio de 2024.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas***, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Acesso em: 03 de abril de 2024.

SOUZA, João P. N. **Alfabetização nos dias atuais: o que mudou dos métodos antigos para os que utilizamos hoje**. Disponível em:

<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/alfabetizacao-nos-dias-atuais-mudou-dos-metodos-antigos-para-que-utilizamos-hoje.htm#:~:text=Por%20muito%20tempo%20perdurou%20que,a%20fona%C3%A7%C3%A3o%20e%20a%20soletra%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 16 de outubro de 2023.

Super Autor. Alfabetização e Letramento: **Conheça os principais métodos e saiba como aplicá-los!** Disponível em <https://superautor.com.br/alfabetizacao-e-letramento-conheca-os-metodos-e-saiba-como-aplica-los/#:~:text=J%C3%A1%20os%20m%C3%A9todos%20anal%C3%ADticos%20acreditam,contexto%20em%20que%20est%C3%A1%20inserida> Acesso em: 18 de outubro de 2023.

SZYMANZKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. 1ª reimpressão. Brasília, Plano Editora: 2003.

ANEXOS

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL

Prezado (a) Senhor (a):

Solicito sua participação voluntária na pesquisa intitulada **XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX** de minha responsabilidade, **XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX**, graduando(a) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), do Centro de Formação de professores (CFP) Amargosa - Bahia. Este projeto tem como objetivo **XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX**. O(s) procedimento(s) adotado(s) ser(ão) através de **XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX**.

A qualquer momento, os colaboradores poderão solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação. Eu estarei apta a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa ou não.

Informo que os dados obtidos nesta pesquisa poderão servir para subsidiar outros estudos, serão utilizados na publicação de artigos científicos, contudo, como responsável por este estudo, comprometo-me em manter sigilo de todos os seus dados pessoais.

A participação será voluntária, não forneceremos por ela qualquer tipo de pagamento.

Autorização Institucional

Eu, _____, responsável pela instituição, declaro que fui informado dos objetivos da pesquisa acima, e concordo em autorizar a execução da mesma nesta Instituição. Sei que a qualquer momento posso revogar esta Autorização, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaro, também, que não recebi ou receberei qualquer tipo de pagamento por esta autorização bem como os participantes também não receberão qualquer tipo de pagamento.

Amargosa - Bahia, _____ de 2024.

Responsável Institucional

Graduando (a)

- Perguntas;

1- O que foi a pandemia para você?

2- Você teve algum tipo de apoio ou treinamento para fazer funcionar o ensino remoto ou para atuar na pandemia?

3- Como foi o processo com os pais ? Eles participaram ativamente?

4- Pensando na sua prática durante a pandemia, o que você não faria novamente e o que acrescentaria?

5- O que tiveram que rever sobre sua prática de ensino depois da pandemia?

6- Quais eram as dificuldades dos alunos para serem alfabetizados antes da pandemia? Depois da pandemia essas dificuldades sobrou alguma alteração?

7- Como foi e está sendo esse processo de alfabetização das crianças que passaram seus primeiros anos do ensino fundamental em um período pandêmico?

8- Pensando no índice de dificuldade dos alunos quais as possibilidades criadas para que ocorra uma alfabetização efetiva ?

Perguntas extras;

- Quantas crianças tem na turma
- Quantas são alfabetizadas